



LHM

DORES, ENCONTROS E AFETOS: MEMÓRIA E TESTEMUNHO EM *LA CASA DE LOS ESPÍRITUS*, DE ISABEL ALLENDE

Evandro Figueiredo Candido¹
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
e-mail: evandro.candido@ufla.br.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo destacar a pertinência dos afetos como forma de resistência e sobrevivência em contextos de exceção. Trataremos da obra *La Casa de los Espíritos (ANO DA OBRA)*, romance da chilena Isabel Allende, que trata da história da família Trueba e sua interligação com o cenário político. Dividida em três gerações, representadas por Clara, Branca e Alba, a obra demonstra a força do feminino para a trajetória familiar. Nosso foco será a terceira geração, representada por Alba, posteriormente revelada como narradora. Vivendo em um cenário de repressão ditatorial, ela assume uma postura de resistência, auxiliando perseguidos políticos em suas fugas. Posteriormente capturada pelo regime, é torturada e humilhada. A partir de seus sofrimentos, destacaremos as memórias e os encontros como formas de sobreviver à tortura. Observamos, ainda, as especificidades do tratamento imposto ao feminino, marcado por degradações e humilhações. Serão pertinentes as reflexões acerca do testemunho, fator fundamental para a construção democrática na América Latina. Para tanto, as reflexões de Didi-Huberman (2014), acerca da sobrevivência, Susel Oliveira da Rosa (2013), sobre a situação da tortura feminina, Tzvetan Todorov (2008) e Gagnebin (2006), sobre memória e testemunho terão grande relevância. Conclui-se a reflexão proposta destacando-se a importância do testemunho e dos afetos como forma de assegurar o avanço democrático.

Palavras-chave: Ditadura. Chile. Afetos. Isabel Allende.

Pain, meetings and affections: memory and testimony in *House of spirits*, by Isabel Allende

Abstract: This article aims to highlight the importance of affections for the resistance and survivor in contexts of authoritarianism. We will consider the novel *House of Spirits*, by the Chilean Isabel Allende. The work is about the Trueba family's story and its relations with the political scenario. Shared in three generations, represented by Clara, Branca and Alba, demonstrates the force of females for the family trajectory. Our focus will be the third generation, represented by Alba, the

¹ Doutorado em Letras. Professor Adjunto de Literatura e Teoria Literária pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6738077814845415>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8357-0401>.



narrator. Living in a dictatorial repression scenario, she assumes a place of resistance, helping politically persecuted people in their escape. Later captured by the regime, Alba is tortured and humiliated. Considering her suffering, we will highlight memories and encounters as ways to survive besides the torture. We will observe particularities of the treatment imposed on females, marked by humiliations and degradations. We will consider reflections about testimony, fundamental for the democratic construction in Latin America. For these analysis, ideas of Didi-Huberman (2014), about survival, Susel Oliveira da Rosa (2013), about the feminine torture, Tzvetan Todorov (2008) and Gagnebin (2006), about memory and testimony are relevant. This work concludes the importance of testimony and affections as a manner to assure the democratic development.

Keywords: Dictatorship. Chile. Affections. Isabel Allende.

Introdução

Inserido no âmbito dos sujeitos nômades, marcados e fraturados por diversas formas de exílio, este artigo visa a refletir sobre a pertinência dos afetos como forma de resistência e sobrevivência em contextos ditatoriais. O recorte é a ditadura militar da América Latina dos anos 1970. Como *corpus* de análise, selecionamos *La Casa de los Espíritus* (2006), da chilena Isabel Allende.

Inicialmente pensada como uma longa carta para o avô da autora, a obra, transformada em romance, abarca três gerações da família Trueba ao longo do século XX. O foco são três figuras femininas: Clara, Branca e Alba, respectivamente avó, mãe e neta. Elas veem o desfilar de um século marcado por guerras, convulsões e transformações. Com nomes que sugerem luminosidade, são representantes de suas gerações; suas ações são centrais para a saga da família, descortinando barreiras impostas ao feminino em sociedades marcadamente patriarcais.

Este artigo se centra nos últimos capítulos do livro, protagonizados por Alba, ao final revelada como a narradora. Sua geração enfrenta a ascensão da ditadura - uma clara referência ao golpe civil militar chileno de 1973. Apesar de pertencer a uma família aristocrática (seu avô, o senador Esteban Trueba, é um dos idealizadores do golpe), Alba assume uma postura de resistência, auxiliando fugitivos políticos em seus processos de exílio. Em situações cada vez mais perigosas, ela é capturada, presa e torturada. Os capítulos 13 e 14 tratam desses momentos de sofrimento na prisão, em que todo o sentido de luta parece abalado.



Espaço de morte, a prisão representa também um lugar para a configuração de novos significados. Ao mesmo tempo à mercê dos agentes da ditadura, Alba protagoniza encontros que lhe permitem reconfigurar o sofrimento, ressignificar a vida, quando a própria vida parece prestes a se apagar. O encontro, sobretudo com o espírito da avó, recorda o imperativo de sobreviver, escrever e testemunhar, de forma a levar para fora dos muros da prisão o terror inacessível àqueles que não querem saber. Sobretudo os afetos permitem redirecionar a dor, apontando a urgência do testemunho para a construção democrática.

Para essa reflexão, teremos como fundamento teórico-reflexivo as análises de Gagnebin (2006) e Todorov (2008) a respeito do testemunho como um operador do indizível, e sua relevância para a permanência da memória. Sobre o cenário ditatorial, a tortura e os encontros, recorreremos a Rosa (2013), com contribuições acerca da ideia de encontro como capaz de aumentar ou diminuir a potência dos sujeitos e a tortura como forma de destruição das subjetividades; no que tange à sobrevivência, retomamos as reflexões de Didi-Huberman (2011), que permite pensar a sobrevivência enquanto insurgência.

Quando o horror se torna regra: entre encontros e afetos

A ditadura civil-militar no Chile é comumente dividida em três fases, segundo os informes *Rettig* e *Valech* (documentos da Comissão Nacional sobre Prisão política e Tortura), citados em *O Golpe de Estado e a primeira fase no Chile* (2012), estudo de Silvia Sônia Simões. A primeira fase se dá entre setembro e dezembro de 1973 e se constitui num momento de consolidação do regime. Marcam esse momento as prisões e fuzilamentos e uma ausência de organização propriamente dita. O segundo momento, situado entre janeiro de 1974 a agosto de 1977, é marcado pela atuação da DINA (Dirección de Inteligencia Nacional), uma unidade da polícia secreta que se transformou no braço repressor de Pinochet. Com ela, surgem mecanismos mais aprimorados de tortura, bem como os centros clandestinos de detenção. Por sua vez, o terceiro período, de setembro de 1977 a março de 1990, é marcado pelo uso da tortura de forma mais seletiva e não tão indiscriminado como no segundo momento.

Tal divisão, no entanto, traz diferentes situações de um período marcado pela violência de Estado. Em todos eles, violências e abusos tiveram como resultado torturados,



mortos, desaparecidos e exilados. Silvia Sônia Simões (2013) observa que o 11 de setembro chileno marca o fim da primeira experiência socialista democrática no mundo. Seu encerramento se deu de forma extremamente violenta, “com a morte do presidente dentro do Palácio La Moneda diante de um bombardeio encaminhado pelas forças lideradas pelo General Augusto Pinochet” (Simões, 2013, p. 13).

A terceira parte de *La Casa de los Espíritos* (2006) refere-se a esse evento, centrando-se na figura de Alba, uma mulher que, apesar de pertencer à elite do país, assume uma postura de resistência à opressão, auxiliando na fuga de militantes ameaçados pelo poder. Em dado momento, no entanto, ela é capturada. Os capítulos 13 e 14 dedicam-se aos momentos de tortura no espaço da prisão.

Encolhida na escuridão e imersa no medo, Alba sente seus olhos envoltos por uma venda preta. Seu corpo treme por conta dos ruídos advindos de fora. Assim tem início o capítulo 14: *A Hora da Verdade*. Considera-se aqui o processo da tortura, os atores e motivos envolvidos, mas, sobretudo, os encontros no contexto da prisão, os afetos suscitados, bem como o impacto dos mesmos na percepção da narradora a respeito desses acontecimentos em curso. Eventos que permitem o cruzamento entre a história da família Trueba e aquilo que Benjamin (1994) considera como a *história natural*, ou seja, uma história mais ampla, de dimensões coletivas. Em pleno *furacão dos acontecimentos*, ambas as dimensões se interpenetram e se influenciam. Ao mesmo tempo, por exemplo, em que o golpe deflagrado tem financiamento de Trueba, o movimento em curso se volta contra a família do senador, confirmado pela prisão de Alba.

Didi-Huberman, em *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2011), lendo Pasolini, observa os *luciole* na imagem dos jovens felizes e apaixonados no meio da noite, corpos líricos pela alegria do amor, “mergulhados na grande noite culpada, os homens irradiam às vezes seus desejos, seus gritos de alegria, seus risos, como *lampejos de inocência*” (Didi-Huberman, 2011, p. 20, grifos meus). É a exaltação das gargalhadas e dos risos da amizade, comparados aos lampejos dos pirilampos, verdadeiras “pérolas verdes”.

A imagem desses desejos dentro da noite de tempos sombrios despontam no pensamento de Alba, que, prevendo o que lhe fariam, ouve os gritos vindos de fora. Com os olhos vendados e consciente do que enfrentaria, ela recorda passagens ao lado do namorado; momentos que remetem a uma era de ouro:



Buscou em sua memória um passeio com Miguel pela costa, no outono, muito antes que o furacão dos acontecimentos pusesse o mundo de pernas para o ar, na época em que as coisas ainda se chamavam por nomes conhecidos e as palavras tinham um significado único, quando povo, liberdade e companheiro eram só isso, povo, liberdade e companheiro e ainda não eram contrassenhas. Tratou de tornar a viver esse momento, na terra vermelha e úmida, o cheiro intenso dos bosques de pinheiros e eucaliptos onde o tapete de folhas secas apodrecia, depois do longo e cálido verão, e onde a luz acobreada do sol se filtrava entre as copas das árvores. Tratou de recordar o frio, o silêncio e essa preciosa sensação de serem os donos da terra, de ter vinte anos e a vida por diante, de se amarem tranquilos, ébrios do cheiro do bosque e do amor, sem passado sem suspeitar do futuro, com a única e incrível riqueza desse instante presente, em que se olhavam, se cheiravam, se beijavam, se exploravam, envolvidos pelo murmúrio do vento entre as árvores e pelo rumor próximo das ondas rebentando contra as rochas ao pé da falésia, estalando em um fragor de espuma cheirosa, e eles dois, abraçados dentro do mesmo poncho como siameses dentro da mesma pele, rindo e jurando que seria para sempre, convencidos de que eram os únicos a descobrir o amor em todo o universo (Allende, 2006, p. 425-426, tradução minha)².

Liberdade, comunhão com a natureza, sensação de eternidade, risos, partilha, desejos, tudo isso compõe o cenário de uma era de ouro na qual tanto a vida privada quanto a pública são considerados ideias: predomina a liberdade, e senhas não são necessárias. Trata-se da mesma liberdade referida por Didi-Huberman (2011); nela, Alba exalta um estado de comunhão com a natureza, no qual o amor acontece livremente. Aqui, a *lucciola*, lançando seus lampejos de inocência, suas “perolas verdes”, se sente dona da terra e goza o instante presente como se fosse para sempre. Antes de qualquer coisa, celebra a amizade na cumplicidade e o amor na partilha dos corpos.

Toda essa exaltação da alegria, todos os lampejos de desejo que retornam para fazer companhia à Alba no tempo presente aparecem como estratégias para lidar com o horror. Em Didi-Huberman:

O essencial na comparação estabelecida entre os lampejos do desejo animal e as gargalhadas ou os gritos da amizade humana reside nessa alegria inocente e poderosa que aparece como uma *alternativa aos tempos muito sombrios* ou muito iluminados do fascismo triunfante (Didi-Huberman, 2011, p. 20, grifos nossos).

² No original: Buscó en su memoria un paseo con Miguel a la costa, en otoño, mucho antes que el huracán de los acontecimientos pusiera el mundo patas arriba, en la época en que todavía las cosas se llamaban por nombres conocidos y las palabras tenían un significado único, cuando pueblo, libertad y compañero eran sólo eso, pueblo, libertad y compañero, y no eran todavía contraseñas. Trató de volver a vivir ese momento, la tierra roja y húmeda, el intenso olor de los bosques de pinos y eucaliptos, donde el tapiz de hojas secas se maceraba, después del largo y cálido verano, y donde la luz cobriza del sol se filtraba entre las copas de los árboles. Trató de recordar el frío, el silencio y esa preciosa sensación de ser los dueños de la tierra, de tener veinte años y la vida por delante, de amarse tranquilos, ebrios de olor a bosque y de amor, sin pasado, sin sospechar el futuro, con la única increíble riqueza de ese instante presente, en que se miraban, se olían, se besaban, se exploraban, envueltos en el murmullo del viento entre los árboles y el rumor cercano de las olas reventando contra las rocas al pie del acantilado, estallando en un fragor de espuma olorosa, y ellos dos, abrazados dentro del mismo poncho como siameses en un mismo pellejo, riéndose y jurando que sería para siempre, convencidos de que eran los únicos en todo el universo en haber descubierto el amor.



Susel Oliveira da Rosa (2013, p. 77-78), numa leitura de Deleuze, observa que a vida não é a natureza, mas sim um “local de sucessivos encontros e efeitos”. De uma forma ou de outra, vivemos sempre afetados por encontros com outros corpos; encontros que nos trazem alegria e tristeza, dor e prazer, verdadeiras formas de ascensão e queda, mundos se produzindo e se desfazendo. Os encontros que nos proporcionam alegria são os que “aumentam nossa potência”, ao passo que os de tristeza a diminuem.

Alba recorre aos afetos como caminho para encontrar forças e aumentar sua potência há pouco encolhida: “procurou evocar os momentos felizes com Miguel, buscando ajuda para enganar o tempo e encontrar forças para o que aconteceria” (Allende, 2006, p. 425-426, tradução minha)³. Trata-se de uma forma de encontro estabelecida pela narradora com um passado colorido no qual o amor deve ser para sempre. Com auxílio da imaginação, Alba presentifica o passado para se aproximar dele e, tornando-se mais forte, enganar o tempo e escapar do momento de horror. A busca por forças se dá no aumento de sua potência, fortificando afetos.

No entanto, esse encontro promovido com o pensamento logo se perde “no túnel profundo de seu terror” (Allende, 2006, p. 426, tradução minha)⁴. Após passar toda a noite e parte do dia seguinte numa cela, Alba é levada diante de Esteban García, neto não reconhecido de Esteban Trueba (avô da narradora). García chegara ao posto de coronel; durante toda sua vida, ele observou o luxo da família, lamentando por não partilhar daquilo que considerava seu. O ódio acumulado durante anos alimenta ressentimentos, e sua aparição esporádica ao longo da vida de Alba faz com que ela guarde a sensação daquele sujeito de ódio, a ponto de reconhecê-lo mesmo vendada: “conduziram-na entre insultos e ameaças à presença do coronel García, a quem ela podia reconhecer a cegas, pelo hábito de sua maldade, mesmo antes de ouvir sua voz” (Allende, 2006, p. 426, tradução minha)⁵.

Desenvolvendo melhor a noção de encontro, Rosa (2013, p. 74) destaca que “são os homens de ressentimento, insuportáveis a si mesmos, aqueles que nos oferecem os encontros que diminuem nossa potência de viver, que constroem a vida”. A potência de

³ No original: Procuró evocar los momentos felices con Miguel, buscando ayuda para engañar al tiempo y encontrar fuerzas para lo que iba a pasar.

⁴ No original: En el túnel profundo de su terror.

⁵ No original: La condujeron entre insultos y amenazas a la presencia del coronel García, a quien ella podía reconocer a ciegas, por el hábito de su maldad, aun antes de oírle la voz.



viver de Alba diminuirá no encontro com a figura de poder potencializada pelo ressentimento. O combate travado é evidentemente desigual. Esteban García dá as primeiras cartadas do jogo querendo saber onde se encontra Miguel. A pergunta alivia Alba, por saber que o namorado permanece livre. Durante os vários estágios dos tantos interrogatórios, a frase: “quero ir ao banheiro” é repetida por Alba; frase que, em minha leitura, se constitui em símbolo da resistência diante das várias violências:

- Agora vais dizer-me onde está teu amante. Isso evitará muitos incômodos aos dois. Alba suspirou aliviada. Então, não haviam detido Miguel!
 - *Quero ir ao banheiro* – respondeu Alba com a voz mais firme que pode articular.
 - Vejo que não vai cooperar, Alba. É uma pena – suspirou García – os rapazes terão que cumprir com seu dever, eu não posso impedir.
 [...] Uma bofetada brutal a jogou ao chão, mãos violentas tornaram a colocá-la de pé, dedos ferozes se incrustaram em seus peitos, triturando-lhe os mamilos e o medo a venceu por completo. Vozes desconhecidas a pressionavam, entendia o nome de Miguel, mas não sabia o que lhe perguntavam e só repetia incansavelmente que não e não, calculando quanto poderia resistir antes que se esgotassem todas as suas forças, sem saber que isso era só o começo, até que se sentiu desvanecer e os homens a deixaram tranquila, estendida no solo, por um tempo que lhe pareceu muito curto (Allende, 2006, p. 427, tradução e grifos meus)⁶.

Tendo em conta as reflexões de Nilce Cardoso⁷, a historiadora Susel Oliveira da Rosa (2013) destaca que os torturadores atingem um limite que, uma vez rompido, conduz à imobilização do corpo. Naquele que era “só o começo”, Alba já sente, na proximidade desse limite, o esgotamento de suas forças. Agredida e humilhada, se deixa cair, incerta dos limites de sua resistência. Numa encenação de amizade, Esteban García demonstra pena pelo que os homens lhe haviam feito e lhe oferece um cigarro. Novamente a frase “quero ir ao banheiro” constrange a investida do inimigo que, agora, recorre não à estratégia da violência ou da ira, mas da aparente condescendência, empatia e companheirismo:

⁶ No original: - Ahora vas a decirme dónde está tu amante -le dijo-. Eso nos evitará muchas molestias a los dos.

Alba respiró aliviada. ¡Entonces no habían detenido a Miguel!

-Quiero ir al baño -respondió Alba con la voz más firme que pudo articular.

-Veo que no vas a cooperar, Alba. Es una lástima -suspiró García-. Los muchachos tendrán que cumplir con su deber, yo no puedo impedirlo.

[...] Un bofetón brutal la tiró al suelo, manos violentas la volvieron a poner de pie, dedos feroces se incrustaron en sus pechos triturándole los pezones y el miedo la venció por completo. Voces desconocidas la presionaban, entendía el nombre de Miguel, pero no sabía lo que le preguntaban y sólo repetía incansablemente un no monumental mientras la golpeaban, la manoseaban, le arrancaban la blusa, y ella ya no podía pensar, sólo repetir no y no y no, calculando cuánto podría resistir antes que se le agotaran las fuerzas, sin saber que eso era sólo el comienzo, hasta que se sintió desvanecer y los hombres la dejaron tranquila, tirada en el suelo, por un tiempo que le pareció muy corto.

⁷ Nilce Cardoso foi estudante da USP e militante durante a Ditadura Militar no Brasil. Torturada pelo regime, ela é entrevistada por Susel Oliveira da Rosa para a construção de parte seu livro *Mulheres, Ditaduras e Memórias (ANO DA OBRA?)*.



- Claro, Alba. Vão levar-te ao banheiro e depois poderás descansar. Sou teu amigo, compreendo perfeitamente tua situação. *Estás apaixonada e por isso o proteges*. Eu sei que *não tens nada a ver com a guerrilha*. Mas os rapazes não creem quando lhes digo, e não se conformarão até que lhes diga onde está Miguel. Diz-lhes o que querem saber e então eu mesmo te levarei a casa. Vais dizer a eles, não é? (Allende, 2006, p. 427, tradução e grifos meus)⁸.

Aqui, o coronel nega a participação de Alba na guerrilha, colocando-a, mais uma vez, à sombra do líder homem. Estereótipos de gênero são outra vez levados a cabo tanto na definição da prisioneira como uma “mulher apaixonada” que protege o amante quanto na crença de que um trato mais brando será capaz de romper sua resistência. A promessa de liberdade, no entanto, não é acreditada por Alba, posto que ela não confirma sua suposta “cooperação” com os agentes. Mais uma vez, reitera seu desejo de ir ao banheiro, frustrando as expectativas daqueles que a têm em mãos.

Alba é, de fato, conduzida ao banheiro, depois à cela. Fica ali por dias; vez ou outra, sente que é retirada e levada a um banheiro no qual não se pode lavar. Durante a infância, seu tio Nicolás a submete a diversas provas físicas, para fazê-la suportar a dor. No contexto da prisão, ela lamenta a falta de um treinamento para suportar a humilhação, que lhe parece ainda pior que a própria dor física.

Para Rosa (2013), há um “novo direito de punir” diretamente associado à tortura. Na Idade Média, a tortura era associada à verdade no corpo do indivíduo, sendo esta buscada a partir do suplício e do interrogatório. Sobre o corpo do supliciado, estava a figura do soberano, que implicava em medo e coerção. Na modernidade, o novo direito de punir “passou a ser concebido como defesa da sociedade” (Rosa, 2013, p. 65), sem, no entanto, abandonar as práticas de tortura, apesar de condenadas em nome da humanidade do criminoso. Essa “arte de fazer sofrer”, tornou-se mais discreta e, por isso, mais sofisticada.

Suprimida no processo do sofrimento, a humanidade de Alba é atingida não apenas pelas práticas de tortura que lhe infligem dor física, mas também pela humilhação que não passa necessariamente pela agressão de golpes ou feridas na pele. Muito piores que as dores dos golpes é a sensação de sujeira, que a acompanha durante toda sua trajetória, rebaixando-a.

⁸ No original: Por supuesto, Alba. Te llevarán al baño y después podrás descansar. Yo soy tu amigo, comprendo perfectamente tu situación. Estás enamorada y por eso lo proteges. Yo sé que tú no tienes nada que ver con la guerrilla. Pero los muchachos no me creen cuando se lo digo, no se van a conformar hasta que no les digas dónde está Miguel [...] Diles lo que quieren saber y entonces yo mismo te llevaré a tu casa. ¿Se lo dirás, verdad?



Inge Genefke (médica e ativista contra a tortura) explica um componente relevante da tortura que não se relaciona tanto com o desejo de buscar informação, mas sim de “quebrar a pessoa” (Rosa, 2013, p. 66). Quebra que não se refere ao físico, mas sim à destruição permanente de qualquer vontade ideológica do indivíduo. Uma vez solto, o sujeito submetido ao horror não manifestaria desejos de continuar a se opor ao poder.

Percebe-se que, desde sua captura, Alba é inserida nessa lógica de “quebra da pessoa”. As encenações dos agentes pretendem reduzir a humanidade da narradora. Assustadoras desde o início, as feridas físicas, acopladas às dores da humilhação e potencializadas pelas encenações de gênero (acrescenta-se que o estupro também compõe o processo de tortura), são o cenário propício para a quebra a qual a maquinaria do regime se propõe.

É no encontro seguinte com Esteban García e seus agentes que o grau de violência atinge níveis mais elevados. Diante da nova recusa de Alba de fornecer informações sobre Miguel, o coronel ordena que ela tire a roupa. A violência dos golpes é seguida pelo manejo de uma máquina de tortura que a leva à perda dos sentidos: “ela sentiu aquela dor atroz que lhe percorreu o corpo e a ocupou completamente e que nunca, nos dias de sua vida, poderia chegar a esquecer. Fundiu-se na escuridão” (Allende, 2006, p. 429, tradução minha)⁹.

Nos encontros com Esteban García, há, no entanto, um componente extra, para além das estratégias de guerra, das ideologias que justificam a tortura, ou mesmo da busca de informações: trata-se da vingança pessoal. Posteriormente, Alba se dá conta de que todo o processo ao qual está submetida é resultado da necessidade do coronel de se vingar de toda uma vida retirada dele:

Alba compreendeu que [Esteban García] não estava tratando de averiguar o paradeiro de Miguel, mas sim se vingando dos agravos que lhe haviam imposto desde o nascimento, e que nada que pudesse confessar modificaria sua sorte como prisioneira particular do coronel García (Allende, 2006, p. 431, tradução minha)¹⁰.

⁹ No original: Y entonces ella sintió aquel dolor atroz que le recorrió el cuerpo y la ocupó completamente y que nunca, en los días de su vida, podría llegar a olvidar. Se hundió en la oscuridad.

¹⁰ No original: Alba comprendió que no estaba tratando de averiguar el paradero de Miguel, sino vengándose de agravios que le habían infligido desde su nacimiento, y que nada que pudiera confesar modificaría su suerte como prisionera particular del coronel García.



Em *Tropical sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado (1988), Amália, mãe da personagem principal, se espanta por ver a vida de seus familiares entrelaçados com o tempo de todo o país. Pensa numa espécie de maldição que liga os eventos de sua família aos fatos políticos, de forma que a própria personagem entende os acontecimentos como parte dela própria.

O mesmo processo acontece na relação entre Alba e Esteban García. A sucessão de eventos leva os fatos particulares da família Trueba a se entrelaçarem com o contexto político do país. A prática da tortura, própria do regime que se estabelece, se torna instrumento nas mãos de um particular que dele lança mão para concretizar uma vingança particular, fruto de circunstâncias que são parte da família Trueba. A história familiar encontra-se, portanto, atrelada à história de todo o país; eventos familiares estão ligados a situações políticas, numa “maldição” que se volta contra Alba com toda a força, no intuito de quebrá-la, tudo num misto de vingança pessoal imposta pelo coronel e “cumprimento do dever” por parte do regime.

No momento das agressões, Alba invoca os espíritos compreensivos para ajudá-la a morrer. Nada lhe responde, mas o simples ato de invocá-los aponta para a queda, um fraquejamento que a faz esmorecer. Ela deseja a morte, mas a morte não vem, assim como não vêm os espíritos; um encontro que não acontecerá.

Segundo Rosa (2013, p. 75), “em meio à ditadura, os tiranos não apenas fomentaram a angústia, mas reprimiram duramente aqueles que se insurgiram, eliminando-os diretamente ou aos poucos, através da tortura”. Cada sessão a qual Alba é submetida constitui-se numa forma de eliminá-la; agressões físicas e humilhações reduzem sua potência e, portanto, sua vida. Mas muito mais do que apenas descobrir o paradeiro do líder guerrilheiro, muito além de uma vingança particular que entrelaça a história da família à história nacional, tenta-se destruir um “corpo-testemunha”. Com sua pessoa quebrada, Alba (saindo da prisão) se tornaria massa amorfa, na qual se cumpriria a percepção de Benjamin (1994) a respeito do silêncio dos soldados que retornavam da Primeira Guerra Mundial. Apagado o vaga-lume, predominam os holofotes, triunfam os conselheiros perversos, confirmando-se o temor de Benjamin (1994) nas *Teses sobre o Conceito de História* a respeito dos inimigos que não cessam de vencer.

Nua, suja, molhada e dolorida, Alba abre os olhos e pede por água. Ouve uma voz de alguém ao seu lado: “aguenta, companheira [...] aguenta até amanhã. Se tomas água, vêm



as convulsões e podes morrer” (Allende, 2006, p. 430, tradução minha)¹¹. Trata-se de Ana Díaz, colega de universidade de Alba. De fato, conheciam-se apenas, sem aprofundar qualquer amizade. Ao observar a situação de Nilce Cardoso, Rosa (2013, p. 78) ressalta que:

Se a perversidade dos torturadores gerou encontros que minavam a potência de Nilce, produzindo dor e impotência, ela encontrou alegria e acolhimento na troca com outros presos políticos com os quais dividia o espaço do DOPS/RS.

O mesmo acontece com Alba em seu contato com Ana Díaz, colega dos tempos de universidade, com a qual perdera contato ao longo da vida. Desde o princípio, esta faz sugestões no sentido de preservar a vida da companheira. Diante da dor de Alba, de sua incapacidade de se mover, de seu desejo de morte, há um encontro que lhe traz nova força: “Ana Díaz a ajudou a resistir durante o tempo que estiveram juntas. Era uma mulher inquebrantável” (Allende, 2006, p. 432, tradução minha)¹². A potência de Ana Díaz parecia aumentar na medida dos sofrimentos impostos.

Rosa (2013), em suas discussões acerca da filosofia clássica, pondera que esta possui uma tendência a excluir a amizade entre mulheres, no fundo, uma forma de reafirmar a preponderância masculina; protegidos pelo companheirismo e pela amizade, os homens têm assegurada a liberdade para ir ao espaço público; com tal possibilidade negada às mulheres (e tendo em mente a suposta rivalidade das figuras femininas), resta a elas o espaço privado como forma de proteção. Lendo Derrida, Rosa afirma que “reconhecer a capacidade das mulheres para a amizade seria uma das maneiras de minar as bases do edifício falocêntrico de nossa cultura e suas propostas de gestão das populações” (Rosa, 2013, p. 79).

O encontro de Alba e Ana Díaz marca a construção da amizade, um afeto capaz de aumentar a potência de vida, fortalecendo a sobrevivência. A própria Ana Díaz afirma que, nos tempos de universidade, ambas não eram muito amigas, mas que “nunca é tarde para começar” (Allende, 2006, p. 430). Começo que se dá em meio à dor e ao risco de morte. Desse começo de amizade, ocorre a retomada da potência perdida; é a mesma lógica observada por Rosa (2013) a respeito dos encontros de Nilce Cardoso, nos quais: “a potência aumentativa de um encontro que produzia alegria permitia a ambas visualizarem

¹¹ No original: - Aguanta, compañera [...] Aguanta hasta mañana. Si tomas agua, te vienen convulsiones y puedes morir.

¹² No original: Ana Díaz la ayudó a resistir durante el tiempo que estuvieron juntas. Era una mujer inquebrantable.



possibilidades de vida, de cuidado com o mundo em meio à perseguição política, da qual eram alvo no momento” (Rosa, 2013, p. 82).

Perseguição política que, no caso de Alba (conforme observado), se ajunta à vingança pessoal, que se confirma de fato no momento em que o coronel se surpreende acariciando a prisioneira como um apaixonado e:

Falando-lhe de sua infância no campo, quando a via passar de longe, de mãos dadas com seu avô, com seus bibes engomados e o halo verde das suas trança, enquanto ele, descalço no barro, jurava que algum dia a faria pagar caro por sua arrogância e se vingaria de seu maldito destino de bastardo (Allende, 2006, p. 433, tradução minha)¹³.

É a partir desse momento que Alba é lançada ao “canil” (*la perrera*), “uma cela pequena e hermética como um túmulo sem ar, escura e gelada” (Allende, 2006, p. 433, tradução minha)¹⁴. A prisão no “canil” representa o afastamento de Ana Díaz, junto à qual Alba havia encontrado sentido para suportar o furacão de todos aqueles acontecimentos. Afastada daquela amizade muito nova e capaz de aumentar sua potencialidade para suportar o insuportável, Alba se vê dentro de uma cela que parecia um túmulo. Era um lugar destinado a castigos, e os presos ali ficavam por poucos dias, “antes de começar a divagar, perder a noção das coisas, o significado das palavras, a angústia do tempo ou, simplesmente, começar a morrer” (Allende, 2006, p. 433, tradução minha)¹⁵. A princípio, Alba tenta se defender contra a loucura, mas é a solidão que a faz compreender o quanto necessitava de Ana Díaz.

Consciente dessa ausência, ela passa a se abandonar, numa decisão de morte que poria fim ao seu suplício:

Abandonou-se, decidida a terminar seu suplício de uma vez, deixou de comer e só quando era vencida por sua própria fraqueza, bebia um gole de água. Tratou de não respirar, de não se mover e se pôs a esperar a morte com impaciência (Allende, 2006, p. 434, tradução minha)¹⁶.

¹³ No original: Un día el coronel García se sorprendió acariciando a Alba como un enamorado y hablándole de su infancia en el campo, cuando la veía pasar a lo lejos, de la mano de su abuelo, con sus delantales almidonados y el halo verde de sus trenzas, mientras él, descalzo en el barro, se juraba que algún día le haría pagar cara su arrogancia y se vengaría de su maldito destino de bastardo.

¹⁴ No original: una celda pequeña y hermética como una tumba sin aire, oscura y helada.

¹⁵ No original: antes de empezar a divagar, perder la noción de las cosas, el significado de las palabras, la angustia del tiempo o, simplemente, empezar a morir.

¹⁶ No original: Se abandonó, decidida a terminar su suplicio de una vez dejó de comer y sólo cuando la vencía su propia flaqueza bebía un sorbo de agua. Trató de no respirar, de no moverse, y se puso a esperar la muerte con impaciencia.



Trata-se, aqui, da chegada àquilo que Rosa (2013) considera como “o limiar do insuportável”. Em entrevista com Nilce Cardoso, esta diz que o sofrimento extremo demandava a morte: “será que não é melhor morrer de uma vez... tranquei a circulação... tentei parar de respirar” (p. 75). O mesmo gesto de nossa narradora, no sentido de negar a vida em prol da cessação do sofrimento. Rosa (2013, p. 76) argumenta que o ato de parar de respirar não corresponde exatamente a um abandono da vida, mas sim “um último nível travado pelo combatente, no limite de sua resistência”. O mesmo diz Lapoujade: “cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência” (Lapoujade, 2002, p. 89 *apud* Rosa, 2013, p. 76). O mesmo ato expresso por Alba ao ficar imóvel no chão, recusando ao máximo a comida e deixando de respirar.

Nesse sentido, não respirar representa um ato de resistência diante do suplício. Tanto Alba quanto Ana Díaz são, de forma horrível, expostas ao fora de seus corpos, cujo objetivo é tornar o interior de ambas um universo frágil, inacessível à fala, para sempre quebrado, praticamente morto. Ato extremo de resistência à dor, abdicar das funções corporais, depositar no chão da cela o corpo fragilizado é conceder a ele, em plena iminência da morte, o repouso demandado pela própria vida. Sem as carícias de Ana Díaz, sem a memória dos bons momentos com Miguel, nas mãos de um regime que não poupa esforços para “quebrá-la”, entregue às mãos de uma figura vingadora e apartada da proteção de um avô encolhido e impotente, resta à narradora este último gesto, no momento liminar entre viver e morrer.

O grande problema aqui (retomando o duplo sentido da palavra *lucciola*) é que, com a morte de Alba, permaneceria o sentido de “prostituta” a ela atribuído pelos agentes, desde o momento da prisão até seu abandono no canil, posto que, morto o sujeito, morre, com ele, a possibilidade de testemunhar (basta recordar a passagem em que Salvador Allende ordena ao seu assessor Joan Garcés que saia do palácio em chamas para contar aquela história ao mundo).

Em “Os Abusos da Memória”, Tzvetan Todorov (2008) destaca que, desde o surgimento dos primeiros regimes totalitários, a memória passou a ser vista com bons olhos pelos que lutavam contra a tirania. Para o autor: “todo ato de reminiscência, por humilde que fosse, foi associado à resistência antiautoritária” (Todorov, 2008, p. 14). A partir daí, é possível arriscar que a morte perante o insuportável elimina a possibilidade de resistência ao totalitarismo por intermédio da memória (tal fato dialoga também com a tentativa de



apagamento da memória das vítimas dos campos de concentração). Ainda na reflexão de Todorov (2008), se a vida sucumbe em face da morte, a memória sobrevive perante o nada. Se Alba não pode falar, sua memória desaparece, apaga-se o vaga-lume, mantém-se o sentido da *lucciola* enquanto prostituta, permanecendo as luzes dos holofotes, tudo aquilo que o poder vigente deseja transmitir.

Se a força de Alba é retirada com sua despedida de Ana Díaz, é no encontro com o espírito de sua avó Clara que ela encontrará um novo sentido para continuar vivendo. O espírito aparece no momento em que Alba está prestes a atingir seu objetivo de morte. Muitas vezes, a narradora a havia evocado para que a ajudasse a morrer, mas, com sua aparição, Alba se depara com a ideia de que “a graça não era morrer, já que isso aconteceria de toda maneira, mas sim sobreviver, que era um milagre” (Allende, 2006, p. 434, tradução minha)¹⁷.

Clara tinha o hábito de anotar os fatos tanto excepcionais quanto triviais em seus “cadernos de anotar a vida”. Verdadeiros diários, tornam-se a base para a construção que Alba fará a respeito da família Trueba. A ideia da escrita é apresentada por Clara à neta como chave para a vida; é em pleno âmbito do “canil” que o espírito da avó sugere (uma “ideia salvadora”) que Alba escreva com o pensamento; nesse sentido, o processo da escrita dessa história familiar tem seu ponto de partida na prisão, “sem lápis nem papel, para manter a mente ocupada, evadir-se do canil e viver” (Allende, 2006, p. 434, tradução minha)¹⁸. Evasão que representa a fuga à situação de sofrimento extremo e, ao mesmo tempo, um motivo para continuar a viver; mas mais do que apenas garantir sua sobrevivência física, Clara se refere à possibilidade de escrever um testemunho:

Sugeriu-lhe, além disso, que *escrevesse um testemunho* que algum dia poderia servir para trazer à luz o terrível segredo que estava vivendo, para que o mundo se inteirasse do horror que ocorria paralelamente à existência apazível e ordenada dos que não queriam saber, dos que podiam ter a ilusão de uma vida normal [...] ignorando, apesar de todas as evidências, que a poucas quadras de seu mundo feliz estavam os outros, os que sobrevivem ou morrem no lado escuro (Allende, 2006, p. 434, tradução e grifos meus)¹⁹.

¹⁷ No original: la gracia no era morir, puesto que eso llegaba de todos modos, sino sobrevivir, que era un milagro.

¹⁸ No original: sin lápiz ni papel, para mantener la mente ocupada, evadirse de la perrera y vivir.

¹⁹ No original: Le sugirió, además, que escribiera un testimonio que algún día podría servir para sacar a la luz. el terrible secreto que estaba viviendo, para que el mundo se enterara del horror que ocurría paralelamente a la existencia apacible y ordenada de los que no querían saber, de los que podían tener la ilusión de una vida normal [...] ignorando, a pesar de todas las evidencias, que a pocas cuadras de su mundo feliz estaban los otros, los que sobreviven o mueren en el lado oscuro.



Segundo Didi-Huberman (2011), o desaparecimento dos vaga-lumes não é algo efetivo, conforme preconizava Pasolini; o que ocorre é que a posição do espectador não enseja uma observação favorável: “eles [os vaga-lumes] desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los” (Didi-Huberman, 2011, p. 47). Temos, aqui, a questão da perspectiva do observador. Ao trazer a ideia da escrita com o pensamento que, depois, se tornaria a escrita de um testemunho, Clara sugere o brilho do vaga-lume capaz de atrair o olhar daqueles observadores que, segundo ela, “não querem saber”. Sobreviver para testemunhar; Alba compreende que a ideia vai muito além daquele lugar fechado ao qual ninguém tem acesso; diz respeito aos que estão do lado de fora, os mesmos que tapam os ouvidos para não saber e que creem num mundo ordenado, no qual impera a normalidade. Trata-se, aqui, de retomar o sentido de guia do termo *lucciola*; guia que se dá através do testemunho.

De acordo com Todorov, “quando os acontecimentos vividos pelo indivíduo ou pelo grupo são de natureza excepcional ou trágica, o direito se converte em um dever: o de se recordar, o de testemunhar” (Todorov, 2008, p. 18). Dever recordado pelo espírito de Clara e que seria cumprido por Alba no ato da escrita. Nenhum esquecimento; eis o que o “canil” demanda desse corpo-testemunha, que, a partir de então, se propõe a sobreviver.

Segundo Didi-Huberman (2011, p. 52), é preciso, para conhecer os vaga-lumes, observá-los no “presente de sua sobrevivência”. O presente de Alba, o instante de sua “escrita com o pensamento”, é, a princípio, marcada por dificuldades. No momento em que começa a fazer apontamentos com o pensamento, o “canil” se enche com os personagens da história da narradora; surgem anedotas, todos os vícios e virtudes das pessoas que conheceu, o que esmaga seus propósitos documentais. Tudo o que ela pensa é apagado, na medida em que surgem novos pensamentos. Essa mesma atividade, no calor do sofrimento, nos meandros de suas próprias dificuldades, confere-lhe um novo sentido, levando-a a afundar-se em seu relato, chegando a vencer “[...] uma por uma, suas inumeráveis dores” (Allende, 2006, p. 435, tradução minha)²⁰.

Trata-se, de fato, de uma luta contra o esquecimento. Sua vida e a de sua família se veem imiscuídas com todo o contexto nacional; toda tortura sofrida diz respeito não apenas

²⁰ No original: [...] uno por uno, sus innumerables dolores.



ao contexto político, mas também a questões familiares, traduzidas tanto pela postura política do avô, quando pelo posto de mando assumido por Esteban García. O “canil” e nenhum esquecimento; eis o que, em síntese, pode-se extrair da exortação do espírito amado, que, imerso na morte, oferece ferramentas para a continuidade da vida. Ferramentas que se traduzem no ato de lembrar continuamente, inscrever no pensamento o evento que não pode ser deixado para trás.

Nos dizeres de Gagnebin:

É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade (Gagnebin, 2006, p. 99).

Alba procede essa elaboração simbólica do trauma no exato momento em que ele é constituído. Elaborando-o com o pensamento, ela encontra um meio de continuar a viver. Num contexto de quase-morte, cuidar da vida (tal como sempre se lembrar) torna-se prioridade.

Em sua leitura sobre “O Narrador”, Didi-Huberman (2011) aponta que Walter Benjamin soube organizar o seu pessimismo, num exercício que lhe permitiu produzir lampejos de esperança. Nesse sentido:

O pessimismo foi, às vezes, ‘organizado’ até produzir, em seu próprio exercício, o lampejo e a esperança intermitentes dos vaga-lumes. Lampejo para fazer livremente aparecerem palavras quando as palavras parecem prisioneiras de uma situação sem saída (Didi-Huberman, 2011, p. 130).

É o exercício ao qual Alba recorre, no exato momento em que a vida parece não ter mais saída. Ao escrever com o pensamento por conselho do espírito da avó, a narradora se reorganiza, encontra razões para sobreviver, produz seus próprios lampejos no interior do canil; produz suas imagens que são também imagens de sobrevivência.

Percebe-se ainda que tanto a atitude de cuidado de Ana Díaz quanto o aparecimento do espírito de Clara alertando para a urgência da sobrevivência apontam para aquilo que Rosa (2013) considera como o desenvolvimento de uma cultura voltada para os cuidados com a vida. Esse tipo de amizade e cuidado entre as mulheres é uma forma de manter, ainda que minimamente, algum traço de humanidade; no fundo, uma forma de resistência.



Resistência que conhecerá seu paroxismo no momento em que Alba começa a agonizar. Retirada do “canil” pelos guardas e novamente levada diante de Esteban García, ela não mais o reconhece.

Tornando ao duplo sentido da palavra *lucciola*, nota-se que, apesar dos atos de tortura destacarem ao extremo o sentido de “prostituta” (além de espancada e humilhada, Alba é também violentada), o seu gesto de “escrever com o pensamento” e conceber a ideia de um testemunho a respeito do horror faz com que o sentido de “guia” prevaleça; aquilo que, retomando Gagnebin (2006), consiste em dizer o indizível, de forma que tal testemunho não se apague da consciência da humanidade. Para a autora, o testemunho consistiria, muito mais do que apenas contar um fato, na capacidade de terceiros de ouvir e não ir embora. De posse da experiência alheia, esse testemunho seria passado adiante, numa transmissão simbólica.

Nesse sentido, o testemunho deixado pela narradora funcionaria como esse guia, não no sentido de uma verdade absoluta, mas como algo que, fornecendo possíveis caminhos de significação, se contrapõe ao esplendor dos holofotes; uma tentativa, por fim, de reparar as injustiças, por meio do relato daquilo que nunca mais deve repetir-se.

Considerações Finais

A presença das hegemonias totalizadoras no cenário latino-americano teve como finalidade o apagamento do outro, em favor dos holofotes do poder. Milhares de sujeitos dissidentes viram-se em situações sem saída, sendo forçados ao ocultamento ou à fuga. Outros, ainda menos afortunados, se depararam com a prisão e a tortura, cujas marcas permaneceram por toda a vida.

Resistir, no entanto, sempre foi preciso, *e apesar de tudo*. A situação de Alba ilustra como afetos, encontros e memórias constituíram-se meios de enfrentar o horror. Ao final, com sua libertação, ela procura por seu ódio e não o encontra. Estar livre de qualquer ódio é uma forma de não entrar no jogo dos sujeitos de ressentimento. Fornecer um testemunho sobre o horror – conselho de sua avó – permite a discussão acerca de um tema fundamental para o desenvolvimento de qualquer democracia.

O teor testemunhal da fala de Alba representa a necessidade de manter viva a memória para futuras gerações, sobretudo quando imagens autoritárias ameaçam



reaparecer. A força dos afetos, a intensidade das memórias e, sobretudo, a permanência das discussões são fundamentais para o fazer democrático.

Por fim, que o ato de ouvir o outro torne nosso entorno um lugar mais hospitaleiro, capaz de multiplicar os afetos e nossa capacidade de testemunhar.

Referências

ALLENDE, Isabel. **La casa de los Espíritus**. 7ª Ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras escolhidas (vol. 1). Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vaga-lumes**. Trad. Vera casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Tropical Sol da Liberdade: a história dos anos de repressão e da juventude brasileira pós-64 na visão de uma mulher**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, Ditaduras e Memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.

SIMÕES, Silvia Sônia. O Golpe de Estado e a primeira fase da Ditadura militar no Chile. **Espaço Plural**, vol. XIII, núm. 27, 2012. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944369014>. Acesso em: 21 set. 2022.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Trad. Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, 2008.

